



01 a 04 de
OUTUBRO
EVENTO GRATUITO

IV SIELLI

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE
III CONELI - CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
II SILCE - SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR LINGUAGENS, CULTURAS E EDUCAÇÃO
XXII ENCONTRO DE LETRAS DO CÂMPUS CORA CORALINA

DISTOPIAS FEMINISTAS: A OPRESSÃO SEXUAL COMO RETRATO DO HORROR EM O CONTO DA AIA E OS TESTAMENTOS, DE MARGARET ATWOOD

FEMINIST DYSTOPIAS: SEXUAL OPPRESSION AS A PORTRAIT OF HORROR IN THE HANDMAID'S TALE AND THE TESTAMENTS BY MARGARET ATWOOD

Kely Silva de Carvalho (UFG)¹

Resumo: Este artigo analisa os romances distópicos *O Conto da Aia* (1984) e *Os Testamentos* (2019), da escritora canadense Margaret Atwood, interpretando e ressaltando as características que fazem das obras parte da tradição distópica do fazer literário. À luz da perspectiva dos estudos feministas e da crítica literária de orientação feminista, aqui eu penso os dois livros enquanto uma distopia que utiliza da opressão sexual estabelecida pelo patriarcado para criar este mundo fictício que encontra ressonâncias em nossa própria realidade vivida. Desta forma, o trabalho pretende analisar os aspectos fundantes do gênero distópico, descrevendo a formação e as principais características que definem este modo literário. A pesquisa em desenvolvimento é qualitativa de cunho bibliográfico, para isso, a obra foi analisada e interpretada tendo por base a leitura de autores como Tom Moylan (2000), Lyman Tower Sargent (1994), Ildney Cavalcanti (2003), Gerda Lerner (2020) e Maria Varsam (2003).

Palavras-Chave: Distopia. Patriarcado. Violência.

Abstract: This article analyzes the dystopian novels *The Handmaid's Tale* (1984) and *The Testaments* (2019) by Canadian writer Margaret Atwood, interpreting and highlighting the characteristics that make these works part of the dystopian literary tradition. In light of feminist studies and feminist literary criticism, I consider both books as a dystopia that uses the sexual oppression established by patriarchy to create this fictional world, which resonates with our own lived reality. Thus, the paper aims to analyze the foundational aspects of the dystopian genre, describing the formation and main characteristics that define this literary mode. The ongoing research is qualitative and bibliographic in nature, drawing on the works of authors such as Tom Moylan (2000), Lyman Tower Sargent (1994), Ildney Cavalcanti (2003), Gerda Lerner (2020), and Maria Varsam (2003) for analysis and interpretation

Keywords: Dystopia. Patriarchy. Violence.

¹ Kely Silva de Carvalho (kelyscarvalho@gmail.com) é mestranda da Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, área Estudos Literários. Graduada em Letras - Inglês pela Universidade Federal de Goiás. Foi bolsista do PIBID no subprojeto Letras - Inglês. Formada no curso de comunicação social - Audiovisual pela Universidade Estadual de Goiás e especialista em Patrimônio, Direitos Culturais e Cidadania pela UFG.



INTRODUÇÃO

A distopia *O Conto da Aia* (*The Handmaid's Tale*) é um dos romances mais conhecidos de Margaret Atwood. O romance, lançado em 1985, conta a história deste novo país, a *República de Gilead*, uma ditadura fundamentalista religiosa que mantém as mulheres sob forte vigilância e controle em todos os aspectos de suas vidas. O advento dessa república se deu mediante um golpe de estado em que grupos paramilitares assumiram a chefia do governo e aprovaram regras, leis e decretos que acabaram por excluir as mulheres do debate público e da participação na sociedade. Na República, controlada por e para homens, as mulheres são divididas em categorias sociais ligadas às suas funções na sociedade. Temos então as *Esposas* (*Wives*), mulheres casadas com os *Comandantes* (*Commanders*), homens que administram os rumos do país; as *Tias* (*Aunts*), que são responsáveis pela formação, por assim dizer, das *Aias* (*Handmaids*), as quais são como barrigas de aluguel, obrigadas a se deitarem e reproduzirem com os comandantes e a ele e sua família são subordinadas.

Como o mundo passa por uma crise no que tange às taxas de natalidade, devido à poluição e outros agravantes ambientais, são poucas as mulheres que conseguem ter filhos e aquelas ainda férteis são cooptadas como aias para serem utilizadas como uma máquina de gerar crianças, através de um ritual violento, em que se envolvem as Esposas, os Comandantes e essas mulheres. A narradora da história chama-se *Offred*, que quer dizer *De Fred*, indicando que a mulher pertence ao comandante cujo nome está expresso em sua alcunha. Offred é quem nos conta a vida em Gilead. O romance é narrado em primeira pessoa por ela e o relato que temos acesso é um compilado de uma narrativa encontrada em fitas, no ano de 2195, por grupos de pesquisadores que estudam a história gileadiana.

No segundo volume da obra, *Os Testamentos*, lançado em 2019, os eventos que se desenrolam acontecem quinze anos após o relatos do primeiro volume; aqui a obra é organizada a partir da narração escrita de três protagonistas, Tia Lydia, uma das Tias que comandam o sistema de preparação das aias no romance anterior, Agnes, que é filha roubada de Offred, mas quando ainda era jovem foi levada para a casa do Comandante Judd e Daisy, a personagem que não viveu em Gilead, ao contrário, ela é Canadense e saberemos no decorrer da narrativa que a personagem na



verdade é filha de Offred e Nick, que atuava como motorista para o comandante da nossa narradora de *O Conto da Aia*. Novamente o livro é amarrado em uma estrutura em que as narrativas das três personagens são apresentadas ao público através do trabalho dos historiadores. Assim, compreendendo o *O Conto da Aia* e *Os Testamentos* enquanto uma distopia feminista, este artigo tem por objetivo pensar o romance de Atwood enquanto uma narrativa distópica feminista, pensando as características que ligam o romance ao gênero estudado e suas contribuições para a renovação das distopias.

INFLEXÃO FEMINISTA NO GÊNERO DISTÓPICO

As distopias são produtos do pensamento social e político da modernidade, que legaram à sociedade um rastro de miséria, fome e guerras; e ao pensamento contemporâneo, uma certa descrença em relação ao próprio futuro. É esse desencantamento que inspira essas narrativas, que educam através da dor ou, mais precisamente, narram os infortúnios de um ou vários personagens em uma sociedade muito mais tenebrosa do que aquela que estamos vivendo (Sargent, 1994; Moylan, 2000). Segundo teóricos como Tom Moylan (2016), as distopias geralmente partem de um relato em primeira pessoa, que descreve esse futuro catastrófico. Na distopia, ficção e realidade se misturam, de modo que o gênero busca na história fatores que sirvam de crítica e explicação do porquê chegamos ou chegaremos aos horrores perpetrados. Portanto, os romances distópicos são obras analíticas que, através do olhar negativo do porvir, pretendem nos levar a refletir sobre nossos próprios atos.

A partir do momento em que autoras e autores começam a pensar este mau lugar no futuro sob uma ótica que leva em conta a opressão feminina, despontam as distopias feministas. Segundo Ildney Cavalcanti (2003) esta vertente do gênero distópico narra a história das mulheres no patriarcado de forma exagerada, desvelando opressões com o intuito de levantar reflexões e críticas à sociedade, assim:

[...] as distopias feministas desenham infernos patriarcais de opressão, discriminação e violência contra mulheres, mapeando assim a sociedade contemporânea. Ao mesmo tempo,



e revelando sua natureza ambígua, essas ficções expressam de forma importante desejos e esperanças utópicos pertinentes às mulheres (Cavalcanti, 2003, p. 338).

Outro fator definidor nesses textos, conforme traz Cavalcanti (2003), é que eles apresentam diferentes grupos de mulheres, sujeitas, de diferentes formas e graus de intensidade, à exploração e misoginia, de forma que não são vistas homoganeamente, como uma categoria definida de maneira essencialista e inferiorizada. Ao contrário, explora-se aqui uma visão não uniforme das mulheres, salientando questões de hierarquia de gênero, expondo graus de tratamentos diferenciados (mesmo em situações de exploração), de acordo com o lugar em que se encontra cada uma das personagens femininas no sistema social.

Para Cavalcanti (2003, p.338) as distopias de inflexão feminista agem em prol de uma reciclagem e contestação da história do patriarcado por meio da ficção. Segundo ela, essas distopias produzidas por mulheres podem ser pensadas através de três elementos cruciais, são eles, a crítica negativa ao patriarcado, presente no princípio distópico, ou seja, em sua estrutura textual, a criação do horizonte utópico, permitido através de uma autoconsciência textual que é o fator terceiro e que permitirá a crítica social engajada, que tem por efeito a formação e/ou educação através do texto literário. Ao construir narrativas de opressão feminina, autores e autoras, expõem um futuro aterrador para as mulheres, criticando radicalmente as atuais relações de poder e a nossa própria realidade vivida.

Sobre a importância das distopias para a análise e crítica à sociedade, Raffaella Baccolini (2022) nos lembra que, a escrita distópica que tem as questões de opressão feminina em seu cerne, têm contribuído com o desenvolvimento e as inovações pelo que passa as distopias. Para a autora “temas como a representação das mulheres e seus corpos, reprodução e sexualidade, linguagem e sua relação com a identidade têm ajudado a desafiar e denunciar estereótipos e noções danosas sobre mulheres e/ou identidades de gênero.”(2022, p. 1251), fazendo com que, tanto o gênero das distopias se renove, quanto acaba por contribuir para gerar discussões a respeito de pautas progressistas. Assim, nos livros aqui estudados, parto da análise das obras para compreender de que forma Atwood incorpora em seu texto elementos que são próprios das distopias feministas assim, no próximo tópico analiso os dois romances no que tange à suas características distópicas.



O CONTO DA AIA E OS TESTAMENTOS ENQUANTO UMA DISTOPIA FEMINISTA CRÍTICA

Em *Concrete Dystopia: Slavery and it's others* (2003) Maria Varsam chama a atenção para o fato de que a relação da distopia com a realidade é dialética, isto quer dizer que eventos históricos são usados como inspiração na construção de realidades imaginárias. As distopias, em especial o que Varsam chama de *concrete dystopia* (distopias concretas) - ficções que baseiam suas críticas na realidade material da sociedade, como considero ser o caso da narrativa aqui estudada - olham para o passado, analisando-o e buscando lá atrás as raízes das nossas opressões e agindo como um aviso que nos lembra que, o que aconteceu no passado, pode vir a acontecer novamente.

Maria Varsam (2003) vai salientar que, ao surgirem como um espaço criativo de análise da opressões sociais, as distopias tomam de empréstimo às narrativas de escravidão a crítica às relações de dominação expressas em formas sociedades que retratam um mecanismo totalitário que nega liberdade e igualdade a seus/suas cidadãos/cidadãs. Com isso, a pesquisadora ressalta que Atwood usa as convenções das ficções sobre escravidão para criar a *República de Gilead* e suas divisões, em que as mulheres são oprimidas sobretudo pela sua capacidade reprodutora e também pelos seus serviços sexuais, além de todo o ambiente em que torturas, enforcamento e falta de escolha, pautam o cotidiano.

Conforme o pensamento da historiadora Gerda Lerner (2019), patriarcado e escravidão são sistemas interdependentes, com o patriarcado oferecendo um modelo tanto conceitual, para o desenvolvimento da escravidão como instituição, quanto um modelo estrutural, expresso através da família patriarcal, que tem o homem no centro de todas as decisões e que mantém a propriedade privada para seus dependentes, dando bases também para o surgimento do capitalismo. Reafirmando a natureza histórica do patriarcado, Lerner nos traz que, esta instituição se desenvolveu paralelamente ao estabelecimento de sociedades agrárias e que sua institucionalização foi crucial para a consolidação de outras formas de exploração e subordinação, como a escravidão.

(...) A invenção cultural da escravidão baseia-se tanto na elaboração de símbolos de subordinação das mulheres quanto na conquista real de mulheres. Subjugando mulheres do próprio grupo, e depois mulheres prisioneiras, os homens aprenderam o poder simbólico do controle sexual sobre os homens e elaboraram a linguagem simbólica na qual expressar



dominância e criar uma classe de pessoas escravizadas do âmbito psicológico. Com a experiência da escravização de mulheres e crianças, os homens entenderam que todos os seres humanos podem tolerar a escravidão, e desenvolveram técnicas e formas de escravização que lhes permitiriam transformar essa dominância absoluta em instituição social (Lerner, 2019,p.116)

Assim, a historiadora aponta que a escravização das mulheres e sua exploração sexual foram elementos centrais na formação das estruturas patriarcais. As mulheres escravizadas não apenas desempenhavam funções laborais, mas também eram submetidas à exploração reprodutiva, garantindo uma força de trabalho contínua para os seus senhores. Faz sentido então a análise de Maria Varsam (2003) de que Atwood utiliza as convenções das narrativas de escravidão para construir sua duologia.

Sem autonomia, e alienadas de seus corpos, com a utilização destes como moeda de troca que quem tem posições melhores na sociedade pode dispor, as mulheres foram subjugadas, de forma que, em Gilead, as Aias são espécies de escravas sexuais que são exploradas pela sua capacidade de gerar filhos. A narrativa de Atwood (e as distopias feministas como um todo) explora essa característica genericada da opressão que não apenas tem impacto sobre os corpos femininos, mas também sobre suas subjetividades. Isso quer dizer que, o controle da subjetividade feminina e o domínio das mentes e corpos, que permite a alienação das mulheres, e o controle dos meios de reprodução da vida, vai contribuir com a manutenção da ordem patriarcal dessa nova sociedade.

Por isso, com a escassez de nascimentos, a maternidade se torna peça chave no sistema opressivo de Gilead, uma vez que a concepção tem uma centralidade primordial no romance, afinal, como no processo de acumulação primitiva no início do desenvolvimento do capitalismo, ter filhos é manter a propriedade privada e o poder ligada algumas poucas famílias (Federici, 2017). Presa à concepção de mulher enquanto natureza, enquanto imanência, que tem o poder de procriar, mas não da criação ou transcendência (Beauvoir, 2016) ou seja, que tem o seu sentido de vida e existência possível apenas quando atada às funções de seu gênero.

Gilead utiliza da violência e doutrinação para controlar seus governados, erradicando a esperança através do uso da violência física e psíquica, e utiliza do texto bíblico, da religião e, sobretudo, da função educadora das Tias, para então perpetuar o regime e impedir revoltas. As Tias, bem como a própria religião oficial, representam o que Althusser (1983) denominou de *Aparelhos*



Ideológicos do Estado, esses mecanismos se constituem por práticas sociais e instituições que disseminam a ideologia e os valores da classe dominante, de forma a manter a hegemonia e privilégios desta classe. Para assegurar a dominação, tal qual as sociedades capitalistas estudadas por Althusser, a sociedade gileadiana vai empregar também a força coercitiva dos *Aparelhos Repressivos do Estado*, representados pelos Anjos, os Olhos, as Tias e os próprios Comandantes, que vigiam e punem com violência qualquer desvio de conduta, de forma que o grau de violência empregada na manutenção da ordem hegemônica seja motivo de terror e medo.

É por isso que o método de castigo dos desviantes em Gilead, ou seja, homossexuais, médicos que conduzem aborto, pessoas de outra religião que não aquela oficial, mulheres adúlteras ou quem tenta fugir, é enforcá-los e expor seus corpos, naquilo que eles chamam de *Salvamentos* (*Men's Salvaging*) de modo que a imagem de terror espalhe o medo e sirva como impeditivos de rebeliões e revoltas. Como Offred narra no primeiro livro

Não faz mal se olharmos. Espera-se que olhemos é para isso que estão lá, pendurados no Muro. Às vezes ficam lá expostos por dias a fio, até chegar um novo lote, de modo que o maior número possível de pessoas tenha a oportunidade de vê-los.² (Atwood, 2017, p.44)

Os Salvamentos são então imbuídos de carga ideológico e opressiva e promove a alienação por meio do medo, e é simbólico que aconteçam sobretudo no *Muro* (*Wall*), local que indica os limites de Gilead e que fica onde antes estava a *Universidade de Harvard*, mostrando que o fundamentalismo religioso suplantou a ciência e agora é quem dita as regras na República.

Colonizando corpos e mentes através da ideologia e da força bruta, esses mecanismos de manutenção do poder, tanto em *O conto da Aia*, quanto em *Os Testamentos*, vão esmagar qualquer desejo por mudança ou revolta de forma que “essa ‘crença’ de que mudanças são fúteis levam muitos a aceitar a realidade dada e seus lugares nela”³(Varsam, 2003, p. 215). Suprimindo a esperança, nas narrativas estudadas, a relação das mulheres umas com as outras e consigo mesmas, vão ser, na maioria das vezes, de desconfiança, afastamento e até mesmo amargura, o que é

² “It doesn’t matter if we look. We’re supposed to look: this is what they are there for, hanging on the Wall. Sometimes they’ll be there for days, until there’s a new batch, so as many people as possible will have the chance to see them.” (Atwood, 1996, p.42).

³ “(...)this ‘belief’ that change is futile leads many to accept the given reality and their place within it” (Varsam, 2003, p.215).



estratégico, uma vez que para garantir que, parafraseando o livro, Gilead esteja dentro de você, a alienação de si e dos outros é fundamental para manter a atmosfera de medo e desconfiança.

É importante destacar o papel das Tias no Regime. Elas mantêm um duplo papel, de repressoras e também promotoras da ideologia gileadiana. Porém a partir do segundo livro percebemos a ambiguidade do trabalho dessas servas do regime, em especial Tia Lydia que é fundamental para a derrubada de Gilead. Embora em *O conto da Aia* sua atuação promova a ideologia da nova nação, no segundo livro a personagem conta sua própria história e é a partir de seu testemunho que sabemos que Lydia foi uma agente dupla que tramou a queda de Gilead. Importante também ressaltar que, na sua vida pregressa, a personagem foi uma juíza da vara de família que, descontente com o que acontecia com meninas e mulheres, compra o discurso do fundamentalismo religioso, no entanto, ao ser presa e torturada, para se proteger, ter relativa liberdade e tramar sua vingança, é aceita como Tia.

Houve época, antes do advento do regime atual, em que defender a minha vida nem passava pela minha cabeça. Não achei que fosse necessário. Eu era juíza de vara familiar, um cargo que adquiri após décadas de trabalho desgastante e uma árdua escalada profissional, e eu vinha cumprindo minha função tão equitativamente quanto possível. Eu agia em prol de um mundo melhor conforme minha visão de “melhor”, dentro dos limites práticos de minha profissão. Eu contribuía para instituições de caridade, votava nas eleições federais e municipais, professava opiniões dignas. Presumia que estava vivendo de forma virtuosa; presumi até que minha virtude mereceria moderados aplausos. Ainda que eu tenha vindo a perceber o quanto estava errada a respeito disso, e de muitas outras coisas, no dia em que fui presa (Atwood, 2019, p.44)⁴

Como analisa Tom Moylan (2016), *O conto da Aia* aponta para um polo de resignação antiutópica, concordando também com a análise de Ana Rüsche (2015), que nos diz que, o futuro desenhado por Atwood é um futuro ainda patriarcal, uma vez que a autora não imagina estruturas sociais alternativas e/ou mais radicais do que aquele que vivemos hoje. Sobre este fato Tom Moylan

⁴ Once, before the advent of the present regime, I gave no thought to a defence of my life. I didn't think it was necessary. I was a family court judge, a position I'd gained through decades of hardscrabble work and arduous professional climbing, and I had been performing that function as equitably as I could. I'd acted for the betterment of the world as I saw that betterment, within the practical limits of my profession. I'd contributed to charities, I'd voted in elections both federal and municipal, I'd held worthy opinions. I'd assumed I was living virtuously; I'd assumed my virtue would be moderately applauded. Though I realized how very wrong I had been about this, and about many other things, on the day I was arrested.



fará dois apontamentos, segundo o autor na obra de Atwood a ambiguidade de seu final, que para ele transita entre a utopia e a antiutopia sem se agarrar a nenhum tão claramente, é uma das maiores forças da narrativa que vai, para ele, antecipar as bases para o desenvolvimento das distopias críticas a partir dos final dos anos 1980

De uma maneira geral, portanto, no que pode ser visto, finalmente, como uma posição de um/a liberal engajado/a que confronta os males da realidade social e ainda assim escolhe, deliberadamente, distanciar-se de uma práxis política radical, Atwood distende a gama criativa da forma distópica clássica, trabalhando-a em uma direção de fechamento antiutópico, depois voltando-a para um horizonte utópico, e em seguida deixando um espaço intermediário para suas próprias questões não resolvidas porquanto elas surjam nas descrições das falhas internas da sociedade, da vulnerabilidade da oposição, e da claramente imperfeita e talvez sempre comprometida, realidade utópica revelada na narrativa. (2016, p.108)

Moylan vê força criativa na ambiguidade e renovação do gênero distópico em relação à narrativa Atwoodiana. Para Ana Rüsche (2015), embora o livro de Atwood seja apontado como uma crítica à política de retrocessos e também em relação as contradições internas do movimento feminista, ela o faz a partir de uma perspectiva da experiência subjetiva de mulheres brancas de classe média. Apesar disso, o livro ressurgiu com seus debates sobre misoginia e autoritarismo em épocas em que novamente acompanhamos a perseguição às mulheres e o apelo a pautas conservadoras, mostrando, mais uma vez, a conexão intrincada entre o romance, a história e a crítica social.

Em *Os Testamentos* há mais diversidade de vozes e subjetividades do que o livro que o precede. Com o relato de diferentes personagens femininas, de idades diferentes e experiências diferentes, como é o caso da Bebê Nicole e Agnes, a filha desaparecida de Offred que ressurgiu, se torna uma Tia e entra em contato com a história da mãe. A partir do relato dessas três personagens, percebemos que este livro incorpora muito mais um horizonte de resistência, a partir do trabalho de Tia Lydia e outras mulheres que agem nas sombras, tramando a partir da organização *Mayday* e planejando, aos poucos, a derrubada do governo autoritário. O trabalho de espionagem de Daisy, enviada a Gilead pelo *Mayday*, bem como a trama de traição de Tia Lydia, vão fortalecer as redes de resistência contra a opressão e juntas as três serão peças fundamentais para a implosão do regime.



A organização hierárquica das mulheres em Gilead, vai ser fundamental para mantê-las afastadas umas das outras, sempre levadas a competir por pequenas fatias de liberdade que legam a elas os homens. Isso porque para o sistema que comanda a República, independente da posição das mulheres, suas funções serão sempre de cidadãs de segunda classe que necessitam de tutela masculina. No entanto, a resistência e a traição de Lydia é que contribui para a derrubada do regime, e sua contranarrativa é que nos dará uma perspectiva de um horizonte utópico um pouco menos ambíguo do que na primeira obra.

A estratificação entre as mulheres é uma via de mão dupla dentro da trama. Com a hierarquização, que coloca as Esposas no topo do poder, coniventes com o regime, Margaret Atwood tanto faz sua crítica ao feminismo hegemônico, quanto expõe a forma como os discursos feministas podem ser pervertidos para serem utilizados em situações repressoras. Em relação ao feminismo hegemônico, este movimento pensa todas as mulheres como vítimas dos mesmos preconceitos e sujeições. Este feminismo branco ocidental, tem por tese a universalidade das mulheres e das opressões e não leva em conta os recortes classistas e raciais que estão envolvidos no sistema de sujeições que nós mulheres somos submetidas em diferentes graus.

Em Gilead, a opressão acomete até mesmo a possibilidade das Aias em usarem seus nomes, como vimos, elas são consideradas propriedades dos Comandantes ao qual servem. A perda do nome, significa, na obra, a perda da identidade e desumanização das mulheres (Funck, 1990) que cumprem a função de úteros emprestados. O controle da linguagem é central nas distopias, em todas elas, afinal, quem controla a linguagem tem o poder do discurso em suas mãos e pode controlar o universo simbólico e a própria história, podendo revisá-la e torná-la ideologicamente conectada ao discurso dominante, como acontece nos telejornais gileadianos que manipulam as notícias e decide o que deve/pode ser divulgado e nos discursos educativos das Tias no centro de formação das Aias, o *Centro Vermelho*

Poderão existir verdadeiros laços de afeto, dizia ela, piscando para nós de maneira insinuante, sob condições como essas. Mulheres únicas para um fim comum! Ajudar umas às outras em suas tarefas cotidianas enquanto percorrem o caminho da vida juntas, cada



uma desempenhando sua tarefa determinada (...) Suas filhas terão maior liberdade. (Atwood, 2017, p. 195)⁵

As Tias utilizam das problemáticas sociais que atingiam as mulheres na vida antes de Gilead para então cooptá-las através de um discurso que lhes promete pequenas migalhas de poder e pequenas migalhas de proteção em troca de suas liberdades.

O discurso revisionistas das Tias serve também para criar novos significados, novas lembranças a respeito dos fenômenos históricos de outrora e este controle, bem como a proibição da leitura é pensado para responder aos anseios dos grupos paramilitares religiosos que comandam Gilead.

Foi depois da catástrofe, quando o Presidente foi morto a tiros e o Congresso metralhado. O Exército decretou estado de emergência. Na época botaram a culpa nos fanáticos muçulmanos. [...] Como é que eles tinham entrado, como é que tinha acontecido? Foi então que suspenderam a Constituição [...].” (Atwood, 2017, p. 208)⁶

Se em *O conto da Aia*, a personagem principal é levada para esse mundo já adulta, em *Os Testamentos* acompanhamos uma teocracia mais desenvolvida, com seus símbolos, estátuas, organizações familiares, estatais e sistema de opressão e ideologia mais internalizados nos cidadãos. Assim, conhecemos mais detalhes sobre a implantação do regime e detalhes esses que vão além do mundo das Aias, o que serve para preencher as lacunas e responder questionamentos sobre a estrutura de Gilead, como é o caso do trecho do diário de Lydia

Fui presa pouco depois que os Filhos de Jacob liquidaram o Congresso. No início, nos disseram que tinham sido terroristas islâmicos: declarou-se Estado de Emergência em todo país, mas nos disseram para continuar como sempre, que a Constituição logo seria restabelecida, e que o estado de emergência logo chegaria ao fim. Isso era verdade, mas não da forma como pensávamos. (Atwood, 2019, p.77)⁷

⁵ Helping one another in their daily chores as they walk the path of life together, each performing her appointed task. Why expect one woman to carry out all the functions necessary to the serene running of a household? It isn't reasonable or humane. Your daughters will have greater freedom. We are working towards the goal of a little garden for each one, each one of youthe clasped hands again, the breathy voiceand that's just one for instance. The raised finger, wagging at us. But we can't be greedy pigs and demand too much before it's ready, now can we? (Atwood, 1996, p.171-172)

⁶ It was after the catastrophe, when they shot the president and machine-gunned the Congress and the army declared a state of emergency. They blamed it on the Islamic fanatics, at the time. [...] How did they get in, how did it happen? That was when they suspended the Constitution (Atwood, 1996, p.182-183).

⁷ My arrest came shortly after the Sons of Jacob attack that liquidated Congress. Initially we were told it was Islamic terrorists: a National Emergency was declared, but we were told that we should carry on as usual, that the Constitution



O discurso de Lydia sobre a tomada de poder por parte dos Comandantes, confirma e complementa o discurso da Aia, mas parte de um olhar de uma mulher que chegou a acreditar na possibilidade de trazer melhorias para a vida das mulheres através da implantação do novo regime.

As histórias de Lydia e Offred se conectam e se diferenciam. Lydia chegou a acreditar na ideologia teocrática de Gilead, porém, ao ser presa, percebe que o discurso desta nação na verdade é apenas uma perversão das lutas feministas e uma arma do patriarcado para mantê-las alienadas. Através de suas memórias sabemos que, ao se infiltrar no regime, ao participar das sessões de tortura das mulheres, embora por caminhos tortos, a personagem estava construindo sua resistência e seu plano de vingança e também lutando para manter a própria vida

Talvez você presuma que, sendo mulher, eu estivesse especialmente vulnerável a ser descartada feito joio do trigo, mas você estaria errado. Simplesmente por ser mulher, eu estava fora da lista de usurpadores em potencial, pois nenhuma mulher jamais poderia tomar assento no Conselho dos Comandantes; então nesta frente, ironicamente, eu estava segura. Mas existem outros três motivos para minha longevidade política. Em primeiro lugar, o regime precisa de mim. Eu controlo o lado feminino do empreendimento deles com um punho de ferro dentro de uma luva de couro sob uma luva de tricô, e mantenho tudo em ordem: feito um eunuco num harém, estou em posição única para fazê-lo. Em segundo, sei demais sobre os líderes, sujeira demais – e eles não sabem muito bem o que eu posso ter feito a partir disso em matéria de documentação. Se me mandarem para a forca, será que essa sujeira poderia vir a ser vazada? Eles pode muito bem desconfiar de que tomei precauções para o caso de algo me acontecer, e estariam corretos. Em terceiro lugar, eu sou discreta. Cada um destes homens eminentes sempre sentiu que seus segredos estão a salvo comigo; (Atwood, 2019, p.71)⁸

would shortly be reinstated, and that the state of emergency would soon be over. That was correct, but not in the way we'd assumed (Atwood, 2019, p.66).

⁸ By now you may be wondering how I've avoided being purged by those higher up—if not in the earlier days of Gilead, at least as it settled into its dog-eat-dog maturity. By then a number of erstwhile notables had been hung on the Wall, since those on the topmost pinnacle took care that no ambitious challengers would displace them. You might assume that, being a woman, I would be especially vulnerable to this kind of winnowing, but you would be wrong. Simply by being female I was excluded from the lists of potential usurpers, since no woman could ever sit on the Council of the Commanders; so on that front, ironically, I was safe. But there are three other reasons for my political longevity. First, the regime needs me. I control the women's side of their enterprise with an iron fist in a leather glove in a woollen mitten, and I keep things orderly: like a harem eunuch, I am uniquely placed to do so. Second, I know too much about the leaders—too much dirt—and they are uncertain as to what I may have done with it in the way of documentation. If they string me up, will that dirt somehow be leaked? They might well suspect I've taken backup precautions, and they would be right. Third, I'm discreet. Each one of the top men has always felt that his secrets are safe with me; (Atwood, 2019, p.61-62)



A Aia, ao contrário, filha de uma mãe feminista, membra de uma classe média branca que cresceu com a confiança de que seus direitos já estavam garantidos e alienada dos problemas e da realidade política de sua época, com críticas em relação ao ativismo da mãe, ela vivia com a crença na força da democracia e como ela narra. A Aia se difere da de Tia Lydia porque Offred elabora uma resistência resignada e, mesmo quando vivia em uma democracia, por sua posição social de classe média branca, ignorava, por vezes as mazelas sociais de sua época

Conforme nos mostra Tom Moylan (2016, p.104) “Gilead é uma sociedade em que as contradições são mais difundidas e próximas da superfície do que em muitos dos relatos distópicos de Estados autoritários”. Para o autor, a distopia de Atwood, é uma distopia fraca se comparada à *Nós e Admirável Mundo Novo* (1932), isso porque em Gilead há um maior descontentamento e uma rede de corrupção que permite a existência de estabelecimentos como a *Casa de Jezebel*, um prostíbulo cujo os poderosos têm acesso livre e discreto, mesmo que ele funcione na marginalidade. Portanto, o regime se estabelece sendo justificado como uma forma de moralizar a nação, porém esta rede secreta de prostituição e um mercado negro que contrabandeia itens proibidos àqueles que tem poder e dinheiro, ou seja, os Comandantes, mostra que a corrupção está na base do sistema gileadiano.

Portanto, Gilead, construída sobre uma estrutura frágil, encontra sua queda com a ajuda de uma rede de mulheres que tramam nas sombras, legando à narrativa um horizonte de esperança baseado na união estratégica entre as mulheres. Através desta narrativa distópica que pega de empréstimos e opressões reais que acometeram as mulheres (e ainda acometem), ao longo dos séculos, e que, por vezes, faz asserções que transitam entre a esperança de um futuro melhor e medo do devir, é que percebemos que os romances tratam-se de narrativas distópicas que falam sobre a opressão feminina. no patriarcado. No entanto, se no primeiro romance, a partir da perspectiva de leitura das notas históricas, o lugar feliz do futuro é ainda dominado por heranças patriarcais, em *Os Testamentos* a resistência das mulheres é mais relevante para a história, contribuindo, inclusive, para a derrocada do regime.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *O conto da Aia e Os Testamentos*, enquanto distopias feministas, há uma exagero de horrores que nos leva a pensar as relações entre a nossa sociedade e esta outra, do horror. Assim, coloca sob uma lente de aumento a opressão feminina, falando sobre desumanização das mulheres e a sua sujeição ao universo patriarcal. Através da narrativa distópica podemos compreender as armadilhas de discursos que se dizem acolhedor com as mulheres, mas que na prática se configuram por opressões, que as sujeitam hierarquicamente, explorando seus corpos e sua força de trabalho. O romance, enquanto uma obra interpretativa, distópica feminista, cria um mundo de ódio disfarçado para com as mulheres, onde as mesmas são confinadas ao seu papel de objetos, dominadas pelos homens e subjugadas por eles. Portanto, através do exagero da violência, da opressão, a autora nos expõe a perspectiva de futuro que a modernidade, atravessada por políticas sexistas lega às mulheres.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

ATWOOD, Margaret. **Os Testamentos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

ATWOOD, Margaret. **The Handmaid's Tale**. EUA: Vintage Books, 1996.

ATWOOD, Margaret. **The Testaments**. New York: Double-day, 2019.

BACCOLINI, Raffaella. Recuperando A esperança em meio à escuridão: O papel do gênero em narrativas distópicas. **Revista X**, v. 17, n. 04, p. 1245-1266, 2022.

CAVALCANTI, Ildney. A distopia feminista contemporânea: Um mito e uma figura. In: BRANDÃO, Izabel et al. (Org.). **Refazendo Nós**. 1. ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2003. p. 337-360. v. 1.



CAVALCANTI, Ildney. The Writing of Utopia and the Feminist Critical Dystopia: Suzy McKee Charnas's Holdfast Series. In: MOYLAN, Tom; BACCOLINI, Raffaella. **Dark Horizons: science fiction and the utopian imagination**. Nova York: Routledge, 2003. p. 47-65.

FUNCK, Susana Bornéo. **Feminist Literary Utopias**. Florianópolis: UFSC, 1998. 86 p.

MOYLAN, Tom. **Distopia: Fragmentos de um céu límpido**. Maceió: Edufal, 2016.

RÜSCHE, Ana. **Utopia, feminismo e resignação em *The left Hand of Darkness* e *The Handmaid's Tale***. 2015. 131 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

LERNER, Gerda. **A Criação do Patriarcado**. São Paulo: Cultrix, 2019.

VARSAM, Maria. Concrete Dystopia: Slavery and Its Others. In: MOYLAN, Tom; BACCOLINI, Raffaella. **Dark Horizons: science fiction and the utopian imagination**. Nova York: Routledge, 2003. p. 203-222.